

A Cobertura da ZH Impressa na Copa do Mundo Rússia 2018

Yuri Cougo DIAS¹

Cristiane Pinto PEREIRA²

Centro Universitário da Região da Campanha/URCAMP, Bagé/RS

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar a cobertura impressa do jornal gaúcho Zero Hora (ZH) na Copa do Mundo Rússia 2018. Especificamente, a investigação se aprofundou na temática das matérias publicadas, os tipos de fontes e os gêneros jornalísticos. Para tanto, a pesquisa caracteriza-se pelo método quali-quantitativo, com procedimento de análise de conteúdo. O trabalho teve como base teórica as técnicas de jornalismo esportivo, a cobertura de megaeventos, os tipos de fontes e os gêneros jornalísticos. Percebeu-se o cuidado da ZH em tornar o conteúdo publicado com um viés diferenciado do que já tinha sido veiculado no dia anterior. O jornal trouxe ao leitor análises, opiniões, crônicas e conteúdos que fugiam da disputa em si. Portanto, a cobertura serve como modelo para reflexão sobre o futuro do jornalismo impresso.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo esportivo; Copa do Mundo; jornal impresso

Introdução

Apontado como o principal momento do futebol, a Copa do Mundo é um fenômeno social que vai muito além da disputa dentro do campo. São os 30 dias mais esperados pelos aficionados pela modalidade e, de certa forma, por grande parte da sociedade. A mobilização é tamanha que o torneio realizado na Rússia, em 2018, foi transmitido para 218 nações. Portanto, relaciona-se com outras áreas, como economia, turismo, cultura, história e política, pois, no momento que um país é oficializado como sede, a responsabilidade dos seus governantes aumenta significativamente.

Por se tratar de um evento que influencia uma população em vários aspectos, realizar uma cobertura jornalística em Copa do Mundo requer um método diferenciado. E, no mundo atual, pautado pela tecnologia e agilidade na informação, os meios de comunicação necessitam cada vez mais da criatividade e competência para trazerem conteúdos diferenciados e atrativos.

¹ Yuri Cougo Dias. Recém-graduado do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Região da Campanha/URCAMP. E-mail: yuricougodias@gmail.com.

² Cristiane Pinto Pereira. Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Região da Campanha/URCAMP. E-mail: cripereira@hotmail.com.

Esse desafio reforça-se ainda mais com o jornalismo impresso, pois, a velocidade da internet e das redes sociais obrigou com que os responsáveis pelo jornalismo feito no “papel” repensassem alguns conceitos no que tangem à escolha das matérias e o tipo de abordagem, de modo que este conteúdo ainda seja atraente no dia seguinte.

E é neste cenário do jornalismo em que a pesquisa foi desenvolvida. Para colocá-la em prática, optou-se por um estudo de caso do jornal Zero Hora que, durante os 30 dias de Copa do Mundo, publicou, diariamente, um caderno específico para o evento. Dessa forma, a presente pesquisa condiciona-se a analisar que tipo de cobertura impressa foi realizada pelo veículo. E com base nisso, desdobram-se as seguintes especificidades: verificação da temática das matérias; averiguação das fontes utilizadas e identificação dos gêneros jornalísticos.

Por se tratar do momento-ápice do futebol, é indispensável que um pesquisador que deseja compreender o processo que envolve uma pauta esportiva deixe de analisar o quanto uma Copa do Mundo tem de relevância dentro de uma sociedade. E devido à importância do evento, torna-se um exemplo digno para um estudo de caso, quando pretende-se discutir as alternativas para elaboração de um produto atraente no meio impresso.

A escolha da ZH como o jornal para ser o objeto do estudo tem como justificativa o fato de ser um dos maiores de circulação diária no Brasil e, com folga, o maior no Rio Grande do Sul. Além disso, trata-se de um periódico caracterizado por um espaço significativo para a editoria de esportes.

Então, com base nesses argumentos, a perspectiva é de que esse trabalho possa gerar contribuições acadêmicas, sobre os rumos do jornalismo impresso frente à expansão da web, e como base para projetos que visem à sobrevivência do jornal impresso no mercado.

Jornalismo esportivo

O conceito de jornalismo esportivo pode ser apresentado com abordagens diferenciadas. A primeira definição, nesta pesquisa, é a de Tubino, M., Tubino, F. Garrido, F. (2007). Para o pesquisador, é a atividade especializada dentro do jornalismo que traz informações, opiniões e análises de clubes, modalidades, entidades, dirigentes ou outros aspectos considerados importantes dentro da área. O esporte é também um estímulo à vida saudável e à inclusão social.

No livro “Jornalismo Esportivo”, Paulo Vinícius Coelho (2011) explica que, na maioria dos casos, a cobertura se divide na equipe que cuida especificamente do futebol e dos profissionais que transmitem informações das demais modalidades. Ou seja, o jornalista que cobrir basquete tende a ficar responsável, também, por vôlei, atletismo, boxe etc. Esse contexto faz com que atletas e ex-atletas sejam contratados para transmissões de TV e do rádio, quando é necessário um aprofundamento.

Após a explanação do conceito de jornalismo esportivo e o critério utilizado para divisão das redações brasileiras, eis algumas considerações no que tange à pauta do segmento. Patrícia Rangel e Heródoto Barbeiro (2006), em “Manual do Jornalismo Esportivo”, comentam que a rotina do repórter está ligada à agenda de eventos. No futebol há jogos quase diariamente e, na véspera de cada partida, os veículos de comunicação se abastecem com informações relacionadas à preparação de cada time. No pós-jogo, o conteúdo se concentra nas tradicionais coletivas de imprensa e nos comentários feitos pelos analistas esportivos, sobre o resultado da partida e as perspectivas para o restante do campeonato ou temporada.

Cobertura em megaeventos esportivos

A primeira questão, quando se fala em “mega”, é o entendimento de que se trata de algo acima do padrão, no esporte, a expressão “megaevento esportivo” tem relação com o espetáculo. E essa influência ocorre, conforme Anderson Gurgel (2009), quando há o processo de midiaticização, Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de Futebol são alguns exemplos de eventos considerados como estratégicos para o triunfo dessa relação, que causa impacto direto na economia, na política e na cultura dos países, estados e municípios responsáveis por sediar tais atividades. Por conta dessa expansão, que vai além do esporte em si, Gurgel (2009) relata que a imprensa tem um papel fundamental, no ato de transmitir a informação com ética ao receptor, para que o espetáculo e suas proporções não fujam da realidade.

Se um megaevento recebe esse termo, por envolver milhões de pessoas do mundo inteiro e abranger outras áreas da sociedade, Gurgel (2009) chega à conclusão de que esse tipo de atividade apresenta dois tipos de dinâmicas, que ocorrem paralelamente. A primeira é a do confronto esportivo em que é assistido pelo telespectador que está no local do evento e o jogo transmitido pelos meios de comunicação de massa, com a chamada “midiaticização”. Essa relação de vários aspectos apresenta desdobramentos na

programação do próprio evento esportivo, que é o “jogo-jogado”. Campos (2012) desdobra a tese ao afirmar que tais eventos são classificados como “guarda-chuvas”, ou seja, resultam na abertura de outras atividades afins, consideradas como preparatórias.

E a junção de vários segmentos, conforme exposto por Campos (2012), obriga o jornalista a ter conhecimentos gerais sobre outros temas, o que garante uma cobertura mais ampla do evento. A preparação para o atendimento ao turista, os gastos com infraestrutura, a preparação da cidade para receber um megaevento, normalmente seriam temas ligados à editoria internacional, por exemplo. A diferença é que os assuntos, embora não estejam relacionados diretamente com o “jogo-jogado”, acabam gerando impactos consideráveis no esporte.

Fontes jornalísticas

Pelo fato da pesquisa envolver uma análise das fontes utilizadas, é preciso fazer uma reflexão sobre este conceito. Neste caso, o embasamento decorre na classificação elaborada por Felipe Pena (2005). As fontes, cujo interesse é preservar informações, esconder e se beneficiar de algo são definidas como “oficiais”. Enquadram-se nesse contexto governos, instituições, associações e empresas. Entretanto, Pena (2005) acrescenta que, se uma pessoa está vinculada a uma dessas organizações, porém, não possui autorização para que se manifeste publicamente, ela será considerada uma fonte “oficiosa”. E quando não há nenhuma relação direta com o assunto em questão, Pena (2005) chama de “fonte independente”.

Ainda com base nas teorias de jornalismo, Pena (2005) define que outra característica de fonte é a “testemunhal” que, como já sugere o nome, tem relação direta com o fato, entretanto, o autor alerta que o seu relato sempre estará influenciado pela emoção, preconceitos, memória e linguagem do repórter. Como ela testemunha a informação, Pena aplica, também, outra classificação, que é a “fonte primária”. Por sua vez, a “secundária” é o tipo de fonte que é usada como forma de contextualizar e aprofundar a reportagem, com personagens ou especialistas que não estão ligados diretamente com o assunto, mas que podem contribuir por dominar o tema.

No segmento esportivo em específico, a pesquisa se apoia nas considerações do espanhol Antonio Alcoba (1980), que as divide da seguinte forma: primárias (esportista, clube, técnico, dirigentes, empregados, organismos e entidades e federações) e secundárias (comercial, publicitária e órgãos políticos).

Gêneros jornalísticos

Pelo fato de um dos objetivos mencionados para realização da pesquisa consistir em identificar os gêneros escolhidos nas reportagens, segue alguns conceitos sobre o tema. José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016) apontam duas características preponderantes para definição de um gênero: sua aptidão para agrupar diferentes formatos e sua função social.

Dessa forma, os autores descrevem a seguinte classificação: informativo (focado na vigilância social, envolvendo as produções de nota, notícia, reportagem e entrevista); opinativo (um fórum de ideias, que podem ser disseminadas por meio de editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta ou crônica); interpretativo (com papel educativo e esclarecedor, sendo subdividido em análise, perfil, enquete e cronologia); diversional (tem como intuito a distração e o lazer, com a publicação de histórias de interesse humano) e o gênero utilitário (auxilia nas tomadas de decisões cotidianas, como a veiculação de indicadores, cotações, previsão do tempo e serviços de trânsito).

Metodologia

Para analisar os cadernos veiculados pela Zero Hora, em sua edição impressa, a presente pesquisa se apoia em três objetivos específicos: verificar a temática das matérias publicadas, averiguar as fontes utilizadas nas reportagens e identificar os gêneros jornalísticos usados. Dessa forma, os resultados só serão obtidos por meio das metodologias qualitativa e quantitativa, ou seja, trata-se de um processo quali-quantitativo. O conceito de ambas é descrito por Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009). Conforme as autoras, a pesquisa qualitativa busca a explicação dinâmica das relações sociais e de um determinado fenômeno. Neste caso, o aspecto subjetivo da temática das matérias, bem como a escolha das fontes.

Por sua vez, a pesquisa quantitativa, como já diz o nome, quantifica os resultados. Gerhardt e Silveira (2009) destacam que o material coletado é tratado como o retrato real de toda a população alvo da pesquisa. Portanto, este procedimento é centrado na objetividade e só pode ser compreendido por intermédio de dados brutos. Nesta pesquisa, a aplicação foi feita na contabilização das matérias, conforme especificado nos objetivos.

Em meio ao processo quali-quantitativo, o procedimento utilizado foi de análise de conteúdo. Conforme Laurence Bardin (1977), trata-se de um conjunto de técnicas, embasado por procedimentos sistemáticos. A autora divide o processo em três fases: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados.

Análise

Feita a explanação do embasamento teórico, chega o momento de expor a análise do material coletado, para responder a problemática que pauta a presente pesquisa. No total, a ZH dedicou 30 cadernos específicos para o conteúdo relacionado à Copa do Mundo da Rússia, em 2018, sob o título de “Jornal da Copa”. Segue abaixo, os resultados obtidos.

Temática das matérias

Conforme já mencionado anteriormente, a ZH dedicou um caderno específico para abordagem sobre a Copa do Mundo. O material diário era dividido por seções, ora de caráter noticioso, ora opinativo. Geralmente, as primeiras páginas correspondiam à seção “O que ver na TV”, como sugere o nome, o conteúdo tinha relação com as partidas do dia. Escalações, curiosidades e estatísticas eram alguns dos temas que pautavam o conteúdo das matérias dos jogos do dia.

Obviamente, a seleção brasileira tinha um espaço privilegiado, com pelo menos quatro páginas. As matérias, no entanto, se diferenciavam pelo viés interpretativo, em sua maioria, focadas nas observações diárias dos repórteres. Um exemplo foi a matéria publicada no dia 12 de junho, sob o título “Com a cara do Brasil”. Faltavam poucos dias para a estreia, diante da Suíça. Após vários dias de treinamentos, o técnico Tite concedeu um dia de folga para os jogadores brasileiros conhecerem Sochi, cidade onde a delegação estava instalada. E foi justamente nesse aspecto o foco da reportagem. Devido às temperaturas altas, pelo céu ensolarado e por vários cenários paisagísticos, a reportagem da ZH comparou Sochi com as cidades brasileiras, principalmente com o Rio de Janeiro. Toda construção do texto tem como referência o “olhar” do repórter nas ruas de Sochi e os bastidores dos jogadores, durante o dia de folga. Portanto, os conteúdos, em muitos casos, tinham um viés mais interpretativo do que propriamente da informação em si.



Fonte: Zero Hora, 12 de junho de 2018

Nas páginas centrais, em grande parte das 30 edições sobre a Copa da Rússia, foi veiculada a seção “Info Copa”. A cada dia, um tema era desenvolvido por meio de gráficos, com estatísticas, informações, curiosidades. Visualmente, o trabalho se diferenciou dos demais conteúdos e, por ter sido explorado nas páginas centrais, esteve passível a conquistar mais audiência. Na foto abaixo, o exemplo envolve o VAR, o polêmico árbitro de vídeo. O material trouxe um passo a passo de como funcionava o VAR e suas implicações no decorrer da partida.



Fonte: Zero Hora, 14 de junho de 2018

Um espaço significativo também fora ocupado pelos colunistas, com duas seções fixas diárias: “No Ataque”, de Diogo Olivier, e “Combinando com os Russos”, de Luiz Zini Pires. Ambos os casos tiveram como finalidade descrever e aproximar o leitor ao ambiente que envolvia a Rússia. Os temas em questão traziam, em maior escala, aspectos extra-campo, como o dia a dia dos russos, o comportamento em restaurantes, aeroportos, dos taxistas e os costumes do povo local. O espaço também tratou de questões políticas, culturais e históricas das cidades do torneio. Claro, a opinião dos colunistas sobre o desempenho das seleções não era deixado de lado. Entretanto, a escolha pelo conteúdo deixou claro o pensamento editorial da empresa, em relação ao torneio, no sentido de que a Copa do Mundo, por se tratar de um megaevento esportivo, segundo conceitos expostos por Guergel (2009), dialogava com outros setores e aspectos da sociedade. Portanto, tratava-se de muito mais que somente uma disputa dentro de campo.



Fonte: Zero Hora, 20 de junho de 2018

Ainda sobre o critério de extensão da pauta esportiva para aspectos extra-campo, a ZH firmou ainda mais a proposta desempenhada pelo jornalista Rodrigo Lopes. Conhecido por suas coberturas internacionais, grande parte delas, em zonas de conflito, o jornalista trazia à tona informações gerais referentes ao país que seria adversário do Brasil. Ou seja, o jornal explorou dados e curiosidades sobre Suíça, Costa Rica, Sérvia, México e Bélgica, como a população, língua, religião, costumes, Produto Interno Bruto

(PIB), moeda, política, entre outras informações relevantes, deixando ainda mais evidente o critério editorial de entender a pauta esportiva não apenas somente no ângulo de uma disputa dentro de campo, mas sim, de um fenômeno social.



Fonte: Zero Hora, 22 de junho de 2018

E na contracapa do caderno, destaque para a seção “Contra Copa”, assinada pelo jornalista David Coimbra, conhecido pela produção de crônicas, sendo muitas delas voltadas para o segmento esportivo. Diariamente, Coimbra trazia à tona aspectos pessoais de sua rotina diária da Rússia, fatos que envolviam a seleção brasileira e temas históricos, políticos e culturais do país-sede.

A imagem a seguir traz um exemplo das crônicas de David Coimbra, no caso, o texto “Em São Petersburgo, o poder está no ar”, publicado em 22 de junho de 2018. O material exaltou a cidade que foi palco da partida entre Brasil x Costa Rica, pela segunda rodada da primeira fase, no sentido de “aspecto visual vistoso”. Em tal afirmação, Coimbra argumentou que, desde a sua fundação, a cidade foi marcada, historicamente, pela “grandeza”. Coimbra se apegava a um detalhe que, em virtude da rotina factual, pudesse passar despercebido, e o transformava numa crônica.



Fonte: Zero Hora, 22 de junho

Tipos de fontes

Na cobertura diária, a maioria das matérias era embasada por fontes oficiais, ou seja, resultante de informações oriundas de bastidores. Pessoas ligadas aos jogadores abasteciam a equipe de reportagem, nos conteúdos de perfil, análises e diagnósticos das condições físicas e técnicas de jogadores. Em casos de matérias especiais, quando o tema tinha como propósito abordar a origem do atleta, como seu primeiro contato com o futebol, a reportagem ouvia familiares, amigos, primeiros colegas e primeiros treinadores, exemplo disso ocorreu na reportagem com os atletas gaúchos convocados.

Frequentemente, a ZH também recorreu aos especialistas. Exemplo disso foi na edição do dia 14 de junho, quando cinco jornalistas descreveram seus palpites sobre quem seria o campeão da copa, a surpresa positiva, a decepção e o craque. Participaram da iniciativa Cléber Grabauzka, Eduardo Gabbardo, Leonardo Oliveira, Luiz Zini Pires e Maurício Saraiva.

Quando se tratava de fontes oficiais, praticamente todos os casos giraram em torno das tradicionais coletivas de imprensa. Pelas regras da Fifa, jogadores e comissão

técnica tinham períodos padrões do dia para conversarem com os veículos de comunicação. Com isso, obviamente, todos os repórteres tinham acesso à mesma informação e entrevista. Para diferenciar-se dos demais, a solução foi trazer um “ângulo” diferente do que fora exposto pela fonte oficial. E isso feito pela ZH.

Um detalhe é que o conteúdo das coletivas de imprensa foi exposto ao leitor como um assunto a ser discutido, refletido, e não como o da coletiva em si. O material reunido também servia para abastecer matérias produzidas nos dias seguintes. Devido às limitações para acesso à informação num megaevento esportivo, como uma Copa do Mundo, a predominância da ZH, na Rússia, girou em torno das fontes oficiais. Essas sim trouxeram o teor de exclusividade.

Gêneros usados

Para averiguar os gêneros utilizados no caderno Jornal da Copa, a análise desenvolvida teve como apoio a classificação do pesquisador José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016), conforme fora exposta neste artigo. Ou seja, os gêneros informativo, interpretativo e opinativo.



Fonte: Autor

Ao todo, foram 367 matérias coletadas, durante os 30 dias de produção do Jornal da Copa. Destas, 146 enquadravam-se no gênero informativo (39,7%); 170 caracterizavam-se por abordar o gênero opinativo (46,3%) e 51 tiveram como propósito trazer um viés

baseado no gênero interpretativo (13,8%).

Os números servem para levantar o seguinte questionamento: qual o motivo do gênero opinativo se sobressair, estatisticamente, em relação ao gênero informativo, nas produções do Jornal da Copa? Tal pergunta pode ser respondida sob a orientação dos estudos registrados, nos últimos anos, pelos teóricos da comunicação, assim como da produção diária do jornalismo, num momento em que ser multimídia é obrigação. Quer dizer, o teor informativo, o “*hard news*”, expressão jornalística que se refere à informação instantânea, tem como direcionamento os portais e plataformas online, enquanto que, o jornal impresso, reúne, às vezes, o mesmo assunto, porém, de modo mais aprofundado e com linguagem diferenciada.

Por isso, o opinativo ganha mais destaque. Mas no caso do Jornal da Copa, especificamente, isso se deve ao fato do caderno diário ter um espaço significativo para colunistas enviados à Rússia, que eram responsáveis por trazer opiniões e análises sobre o desempenho das seleções, dos treinamentos diários e, principalmente, de sua rotina em solo russo, como forma de aproximação do leitor com o ambiente do torneio. Dessa forma, os colunistas compartilharam suas vivências e, junto disso, emitiram suas opiniões. Esse tipo de conteúdo pode ser preparado com mais calma e profundidade, por isso, teve predominância no meio impresso.

E ainda que esteja no gráfico em menor escala, o gênero interpretativo também merece um destaque especial nesta análise da cobertura da ZH impressa na Copa da Rússia 2018. Em diversas ocasiões, os repórteres enviados para a Rússia apontaram prognósticos para diversos temas, como preocupações com os adversários e análise do desempenho de jogadores, principalmente o Neymar.

No caso da eliminação nas quartas de final para a Bélgica, a reportagem da ZH elaborou um material em que analisava, com base na idade de cada jogador quem poderia ser reaproveitado para a Copa de 2022, no Catar; quem que, pelo tempo de carreira, estaria se despedindo e, para finalizar, as prováveis promessas que poderiam despontar nos próximos quatro anos.

Nesse tipo de conteúdo, mesmo que em sua essência, o foco seja a informação, a forma com que o repórter conduz o texto, faz com que o leitor tome “partido” do assunto e antecipe possíveis acontecimentos, o que é o diferencial numa cobertura impressa, fugindo do óbvio. Eis o motivo para o aproveitamento do gênero interpretativo.

Considerações finais

O “furo jornalístico” não pertence mais ao veículo impresso há um bom tempo. O apogeu da internet e, posteriormente, das mídias sociais, vem fazendo com que cada vez mais as empresas repensem sobre os métodos de produção jornalística. E sempre o “papel” é colocado em cheque, como se estivesse à beira da extinção. Realmente, são muitos os jornais que fecharam pelo mundo. Mas, por outro lado, grande parte dos que ainda sobrevivem passam por uma remodelação visual e editorial.

Essa necessidade mercadológica é mais rígida quando se trata da cobertura de eventos internacionais. Numa era pautada pela velocidade da informação, em questão de minutos após o término de uma partida, a crônica com os detalhes do confronto já está disponível para acesso. E antes disso, muitos portais se dedicam para uma cobertura em tempo real que, além da narrativa lance a lance, também oferece fotos e vídeos dos principais momentos da partida. Dentro desse cenário, como fica a reportagem do jornal impresso, que será veiculada somente no dia seguinte?

Tal questionamento tem sido o maior desafio dos jornalistas, não apenas do segmento esportivo, mas da profissão como um todo. Para se manter firme, é preciso uma informação diferenciada, que fuja do óbvio e se apegue aos detalhes que, justamente, pelo imediatismo da internet, acabam não sendo percebidos.

No caso da cobertura da ZH impressa na Rússia, o que se constatou foi uma predominância por crônicas, opiniões e análises, sempre primando pela exclusividade. Outro detalhe foi a busca por conteúdos que fossem mais além do que a disputa em si, com destaque para o cenário político, cultural, econômico e social das cidades russas. Aspectos históricos também tiveram uma ênfase considerável, principalmente nos conteúdos do jornalista Rodrigo Lopes, que contextualizou sobre cada um dos cinco países que foram adversários da seleção brasileira, desde a estreia contra a Suíça até a eliminação para a Bélgica.

Enfim, no que tange à cobertura jornalística, o caderno “Jornal da Copa” fugiu do óbvio e serviu como um complemento e aprofundamento dos temas que já tinham sido abordados horas antes pelo grupo RBS, seja pelo site, pelo rádio ou na TV. Com certeza, o trabalho das 30 edições do caderno pode servir como modelo de cobertura esportiva impressa, em meio às transformações econômicas e sociais que o jornalismo enfrenta.

REFERÊNCIAS

- ALCOBALÓPES, Antonio. **El Periodismo em La Sociedad Moderna**. Madrid: El Autor, 1980.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Paris: Edições 70, 1977.
- CAMPOS, Anderson Gurgel. **O Papel do Jornalismo nos Megaeventos Esportivos**. Trabalho apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 3 a 7 de setembro, 2012.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009.
- GURGEL, Anderson. **Desafios do Jornalismo na era dos Megaeventos Esportivos**. Revista Motrivivência, n. 32/33, ano XXI, p.193-210, jun-dez, 2009.
- MARQUES DE MELO; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e Formatos Jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom – RBCC, n.1, v.39, p.39-56, jan./dez. 2016.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- TUBINO, M.J.G.; TUBINO, F.M.; GARRIDO, F. A.C. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.